

Joe Butler escala
uma parede de gelo
nas Montanhas
Chugach, no Alasca.

QUEDA!



QUANDO UM
ALPINISTA CAI
260 METROS
NUMA MONTANHA
GELADA, SEU AMIGO
TEM DE FAZER
O IMPENSÁVEL

POR JEFF RENNICKE

FOTOGRAFADO POR KEVIN HORAN

Butler (à direita) e o parceiro Greg Nappi subindo a base de uma geleira: uma mistura de gelo, neve e rochas.

E

ra fraca mas inconfundível... uma voz quase inaudível a distância. A

quase 800 metros de altitude, no lado nordeste do Pico Bellicose, 25 quilômetros pelos Montes Chugach adentro, no Alasca, o alpinista Greg Nappi apurou os ouvidos. Esperara que Joe Butler, seu parceiro de escalada, surgisse a qualquer momento no alto dos 45 metros da parede de gelo logo abaixo para se juntar a ele no último esforço até o pico. Mas Butler não aparecera, e agora Nappi ouvia um distante pedido de ajuda.

Nos últimos seis anos, Nappi e Butler se penduraram juntos várias vezes em íngremes encostas de pedra, do Alasca à Argentina, a vida de um nas mãos do outro, uma profunda confiança crescendo entre os dois. Conheciam os pontos fortes, os temores, a personalidade e o padrão um do outro. Na montanha, Butler costumava

ficar em silêncio, calmo e firme. Assim, quando ouviu o grito uma segunda vez, Nappi soube que havia algo muito errado.

“Sabia que era Joe, mas vinha de muito mais longe do que eu esperava”, recorda Nappi. Ele se esforçou para entender o que o amigo gritava.

“Nappi!”, achou ter ouvido. E depois, com clareza: “Acho que quebrei a perna!”

O Alasca é uma região cheia de gelo e rochas. Ali, doze das montanhas mais altas dos Estados Unidos se projetam para o céu como pontos de exclamação e mais de 50 mil geleiras, algumas com mais de 4 mil quilômetros quadrados, faíscam como joias enormes.

Butler, de 29 anos, e Nappi, 25, cresceram no leste dos Estados Unidos – Butler na Geórgia, Nappi na Pensilvânia –, mas, na época da faculdade, o Alasca os atraiu. Conheceram-se quando ambos arranjaram emprego durante o verão como guias de turismo na Geleira de Matanuska, e logo

começaram a escalar juntos. Tinham muito em comum, mas também havia diferenças. Butler era melhor no gelo; Nappi, nas rochas, com o ritmo metódico de Butler contrabalançando o entusiasmo de Nappi. “Formamos uma equipe integrada”, diz Nappi.

Em abril de 2009, eles planejaram passar duas semanas escalando o labirinto de picos que cerca a Geleira de Eklutna, no Parque Estadual de Chugach, uma área de 200 mil hectares perto de Anchorage. Com milhares de metros de pedras e gelo na vertical,

Nappi, que dois dias antes quebrara a ponta do *piolet*, a picareta de gelo, preferiu contornar a parede gelada escalando uma encosta próxima coberta de neve. Butler deveria fazer o mesmo ou atacar sozinho o despenhadeiro? “Observamos a inclinação do penhasco”, diz Nappi. “Achamos que daria para Joe subir sozinho. Já o vi subir paredões como aquele dezenas de vezes.” Os dois voltariam a se encontrar no alto da encosta.

Enquanto Nappi se afastava para subir pela neve, Butler começou a esca-

Se eu não cravar o piolet no gelo, não terei chance, pensou Butler. Mas não houve tempo. Ele despencou.

tratava-se, como diz Butler, de “um bom lugar para uma pessoa se perder”. O prêmio extra era a cabana de Serenity Falls, um abrigo remoto no fim dos 20 quilômetros de uma trilha de esqui. “Poderíamos passar o dia escalando e acampar lá à noite”, diz Butler. “Seria perfeito.”

No quarto dia da expedição, Butler e Nappi partiram para o Pico Bellicose. Saíram da cabana por volta das seis e meia da manhã e subiram um desfiladeiro estreito até a base da geleira. Ali, viraram para oeste e começaram a ascensão pelos 300 metros de uma garganta íngreme e cheia de gelo, conhecida como *couloir*, ou “corredor”. Na subida, encontraram um despenhadeiro, todo de gelo, com 45 metros de altura.

Superou a parte mais íngreme e decidiu descansar um pouco. Para relaxar as panturrilhas, virou-se de lado e firmou no gelo todas as pontas dos seus crampons, usando dois *piolets* como bengalas para se apoiar.

“Na mesma hora comecei a escorregar”, diz Butler. O declive era puro gelo, duro e escorregadio. Numa fração de segundo, ele pegou velocidade, com o gelo voando por ele. Uns três metros antes da queda, recorda de ter pensado: *Se eu não cravar o piolet no gelo, não tenho chance*. Mas não houve tempo. Ele despencou. É a última coisa de que se lembra. “Apaguei”, revela. Caiu na neve 45 metros abaixo e começou a escorregar. Ao recuperar a consciência, estava uns 200 metros mais abaixo na encosta, ferido e sozinho.

Quando Nappi atingiu o pico, não viu o parceiro. Então escutou os gritos de Butler.

“Sabia que tinha de descer até onde ele estava”, recorda Nappi. Prendeu uma âncora no gelo e começou a descer em rapel pela mesma rota que Butler teria usado para subir. Não conseguia ver o amigo, mas os arranhões no gelo, o equipamento caído pela trilha e uma depressão na neve mais ou menos do tamanho de um corpo humano deixaram claro o que acontecera. Nappi foi

estaca de alumínio que os alpinistas usam como âncora na neve funda –, Nappi fez uma tala para a perna quebrada. E agora? Ambos sabiam que precisariam de um helicóptero para tirar Butler dali, mas não havia como pousar numa encosta íngreme como aquela. Nappi tentou arrastar Butler. “Só conseguimos avançar alguns metros. A perna de Joe se prendia na neve e era doloroso demais para ele.” Nappi recordou que havia um trenó de plástico na cabana. Ir buscá-lo exi-

“Tinha de tirá-lo de lá”, diz Nappi. Mas os dois estavam empoleirados numa encosta com 40 graus de inclinação.

descendo o pico, querendo se apressar, mas sabendo que bastava um escorregão para cair também, deixando os dois sem esperanças de socorro. Os anos de treinamento de primeiros socorros e de resgate em montanhas lhe passaram pela cabeça.

“Joe estava alerta e consciente quando o encontrei”, diz ele. Uma avaliação rápida mostrou que, provavelmente, Butler quebrara o fêmur esquerdo e fraturara a clavícula. Com uma queda daquelas, Nappi também não podia descartar uma lesão na cabeça ou alguma hemorragia interna. “Tinha de tirá-lo da montanha”, diz Nappi, mas a ajuda ficava a horas de distância, e os dois estavam precariamente empoleirados numa encosta com 40 graus de inclinação.

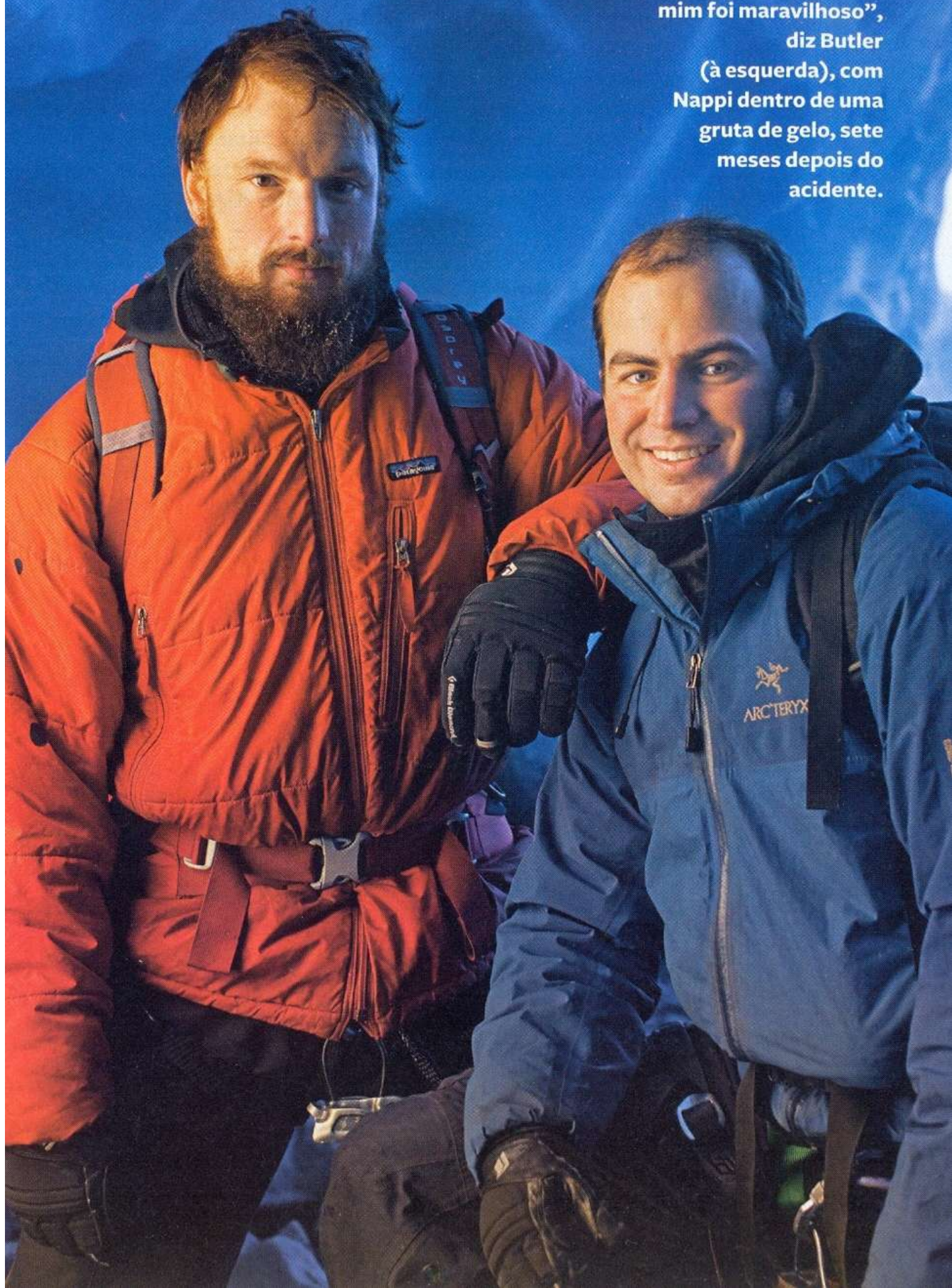
Com uma picareta de neve – uma

giria tempo, um tempo precioso que talvez não tivessem se Butler tivesse sofrido lesões internas, mas não havia outro jeito.

“Vou ter de deixar você aí, Joe”, disse ele a Butler, pondo uma mochila mais acima na encosta para servir de barreira e protegê-lo das pedrinhas que costumam rolar pelas encostas quando a neve derrete. Então, se foi. *É melhor eu ser rápido*, pensou. *Isso não vai acabar logo*. Enquanto se apressava na direção da cabana, tentou não pensar no perigo. Mas aí uma lufada de vento o trazia de volta à realidade e à lembrança do amigo que o aguardava no alto da montanha.

Duas horas depois, Nappi voltou com o trenó. Amarrou Butler nele e tentou de novo. Com um *piolet* enfiado na neve mais acima, para impedir que os dois

“O que Greg fez por mim foi maravilhoso”, diz Butler (à esquerda), com Nappi dentro de uma gruta de gelo, sete meses depois do acidente.



caíssem pela encosta, Nappi conseguiu baixar o trenó menos de um metro de cada vez, descendo pelo corredor até uma área mais plana. Foi um serviço lento. Levaram várias horas para chegar ao sopé da encosta, e nisso o vento já ficara mais forte. Lufadas cheias de neve desciam rugindo da geleira e atingiam os dois homens como projéteis. Mesmo ali tão baixo na montanha, Nappi sabia que Butler não sobreviveria muito tempo exposto àquele clima. Novamente, Nappi voltou à cabana e, dessa vez, trouxe uma barraca sem piso, um saco de dormir, água e comida. Fez Butler comer e beber algo e prendeu a barraca com pedras. “Queria garantir

que, mesmo com aquele vento, a barraca não sairia voando”, diz Nappi.

Os dois sabiam o que teria de acontecer em seguida. “Não haveria como buscar ajuda se Greg não fosse embora”, diz Butler. Quando Nappi hesitou, Butler insistiu que fosse. “Eu lhe dei um abraço e lhe disse para ir logo”, conta Butler.

“Farei o possível para trazer ajuda”, respondeu Nappi. “Arrombo portas, se for preciso.” Butler sorriu. Tinha certeza de que era verdade. E o amigo se foi.

Pelo lado leste do Lago Eklutna, Nappi se concentrou em manter as pernas em movimento, esquiando quando possível, tirando os esquis quando havia pe-



dras demais. A dúvida o perseguia a cada passo. “Ficava me perguntando: *Será que foi bom trazê-lo para baixo ou teria sido melhor deixá-lo lá em cima? Será que errei na minha avaliação? E quanto ao congelamento? E à hipotermia?*” Parou uma vez para descansar. Mas, quando olhou o desfiladeiro frio e escuro lá atrás, pensou no amigo sozinho na barraca e foi em frente.

Lá em cima, Butler cochilava e acordava, obrigando-se a comer e beber para o caso de perder a consciência mais tarde. “Imaginei que não haveria como levarem um helicóptero até lá com aquele tempo, e disse a mim mesmo que não adiantava enlouquecer antes de passadas 72 horas”, recorda ele.

“Achei que esse tempo eu conseguiria aguentar.”

O surpreendente era a dor na perna ainda se manter suportável. “Talvez, com tanta escalada, os músculos das coxas estivessem tão fortes que conseguiram manter o osso no lugar”, supõe ele. Com as lufadas de vento lançando cristais de neve por baixo da abertura da barraca, teve medo de que o vento a levasse embora. “Fiquei praticamente imóvel”, diz Butler. Mas o máximo que podia fazer era descansar, poupar as forças e esperar que o amigo voltasse com a ajuda prometida.

Vinte e cinco quilômetros montanha abaixo, Greg Nappi, exausto, chegou a um posto vazio da guarda

A neve cobria as paredes do desfiladeiro como um lençol. A visibilidade piorava, e o tempo estava passando rápido.

florestal. “Bati. Gritei. Depois, chutei.” Em segundos, conseguiu entrar e telefonar para a emergência.

Às quatro da manhã, Ian Thomas, guarda-florestal do parque, pulou da cama para atender o telefone na sua casa em Anchorage. Também alpinista, Thomas conhece as entranhas do parque e é amigo de muitos alpinistas que o frequentam. Assim que soube do acidente numa área popular de escaladas, pensou: *Tomara que não seja ninguém conhecido!*

No aeroporto, encontrou-se com Mel Nading, piloto de helicóptero dos Guardas do Estado do Alasca, e, 15 minutos depois, pousavam na estação de Eklutna. Assim que Thomas viu Greg

ajuda a resgatar umas 350 pessoas por ano, se manteve firme nos controles. “Ele nos levou exatamente para onde precisávamos ir”, diz Thomas.

Mas, na barraca, nada se movia. “Naquele momento, a minha maior preocupação foi não ouvir nada lá dentro”, diz Thomas. “Do jeito que Greg descrevera a queda, fiquei com medo de que Joe tivesse lesões internas que acabariam com ele antes mesmo que chegássemos lá.”

Ele gritou: “Joe, é Ian!” Houve uma breve pausa e se ouviu a resposta.

“Ian Thomas!”, disse Butler, com grande alívio.

Butler foi estabilizado numa prancha e levado para o helicóptero, mas ainda

“Levei uma surra”, disse Butler à sua mulher no hospital. Ela segurou a mão do marido e começou a chorar.

Nappi, que conhecia havia anos, o seu temor se confirmou. “Quando Ian me reconheceu”, diz Nappi, “os ombros dele despencaram.” Nappi deu a notícia: era Joe que estava na montanha.

Ambos sabiam que o tempo voava.

Nappi descreveu rapidamente onde deixara o amigo. A equipe de resgate, com um paramédico do corpo de bombeiros local, embarcou no helicóptero e decolou.

Enquanto voavam, Thomas viu a neve das paredes do desfiladeiro ser soprada como um lençol branco. A visibilidade piorava, mas Nading, que

não estava fora de perigo. O vento frio que vinha da geleira pegou velocidade, como uma avalanche invisível. No controle do helicóptero, Nading acompanhava atentamente a situação. “A velocidade do vento variava entre 65 e 80 quilômetros por hora”, diz ele. “Decolar contra um vento daqueles seria muito difícil.”

Com o helicóptero sacudido pelas lufadas de vento, Nading seguiu na direção da parede da geleira, esperando subir o suficiente para suportar o vento descendente quando se virasse na direção contrária. Manteve a posição o máximo possível e então, no último

instante, girou o aparelho no ar, com a cauda para o vento. O helicóptero se ergueu e saiu do vale.

Dali a minutos, pousaram no Providence Alaska Medical Center, em Anchorage, onde a mulher de Butler, Amara Liggett, o aguardava. Na maca, Butler a olhou e lhe estendeu a mão.

- Levei uma surra - disse.

Liggett segurou-lhe a mão e começou a chorar.

- Tem razão - respondeu ela.

"Para mim, aquela foi provavelmente a parte mais difícil do dia", recorda Nappi. "Ver Joe com a mulher dele em lágrimas." Longe da montanha, depois de horas de sofrimento físico e emocional, e, sabendo agora que o amigo estava salvo, Nappi finalmente baixou a guarda. "Também chorei muito naquele momento", diz ele.

Butler passou três dias no hospital, com a mulher, o parceiro de escaladas e os amigos à cabeceira do leito quase o tempo todo. A comunidade muito unida de alpinistas do Alasca se juntou para dar apoio a Butler, mesmo depois que saiu do hospital. "Sempre havia alguém lá para me dar

de comer, me ajudar a andar", recorda Butler. Os donos do bar Bear Tooth, no qual Amara trabalha como gerente e garçoneiro, recolheram doações e dobraram o valor de cada uma delas. Conseguiram mais de 5 mil dólares para Butler que, sem plano de saúde, teria de arcar com uma despesa enorme de serviços médicos.

Menos de um ano depois, Butler voltou a escalar, agradecido pela coragem do amigo naquele dia. "Ele sabe que eu faria o mesmo por ele", diz.

Na verdade, Nappi sabe, sim: "Quando seguimos para a montanha, é preciso entender que esse tipo de coisa pode acontecer", explica ele. "E, se acontecer, a responsabilidade é toda nossa. Por acaso, daquela vez foi Joe que escorregou e coube a mim ser responsável pelo resgate. Da próxima, pode ser o contrário."

Enquanto se recupera, Butler pode olhar pela janela do apartamento em Anchorage e ver as montanhas da Serra de Chugach. Ele e Nappi já estão de olho em outra aventura no Alasca. É uma montanha chamada Pico Awesome (Pico Espantoso)...

SEGUINDO O EXEMPLO

Algumas pessoas jogam sal nos ombros ou fogem de gatos pretos, mas certas superstições que circulam pelo mundo são ainda mais estranhas...

- Não coloque um chapéu em cima da cama. Espíritos malignos vivem em nossos cabelos e podem se esconder debaixo das cobertas.

- Tente segurar uma folha caindo da árvore no primeiro dia do outono. Se conseguir, ficará livre da gripe por todo o inverno.

- Nunca diga adeus a um amigo quando estiver em uma ponte. Se o fizer, nunca mais verá esse amigo.